



Red Latinoamericana de
GERONTOLOGÍA

**CONCURSO DE EXPERIENCIAS GERONTOLÓGICAS
“UNA SOCIEDAD PARA TODAS LAS EDADES”**

Sexta Edición

Año 2014

NOMINACIÓN

CATEGORÍA PERSONAS NATURALES

OFICINA MEMÓRIA VIVA: SENHORES DA CASA DE SIMEÃO

Autores

Patricia Kok Geribello de Ferreira Cabral, Rita Duarte Amaral, Vera Tordino Brandão

BRASIL

Eje Temático:

- Promoción de una cultura positiva de la vejez; superación de estereotipos y prejuicios acerca de las personas adultas mayores

Patricia Kok Geribello de Ferreira Cabral, es Psicóloga, mestre em Gerontologia pela PUC/SP, pesquisadora do GEM (Grupo de Estudos da Memória) e do NEPE - Núcleo de Estudos do Envelhecimento PUC - São Paulo. Atividade profissional: atendimento domiciliar e em consultório ao idoso. Coordenadora e executora dos projetos da Oficina Memória Viva. www.oficinamemoriaviva.com.br Correo-e: patricia@oficinamemoriaviva.com.br

Rita Duarte Amaral es Pedagoga (PUC/SP), especialista em Gerontologia (HMSP), pesquisadora do GEM - Grupo de Estudos da Memória – NEPE - Núcleo de Estudos do Envelhecimento PUC - São Paulo. Atividade profissional: Atendimento em Instituições de Longa Permanencia para Idosos desenvolvendo atividades de Dança Sênior, passeios culturais em São Paulo, projeto "Encontros Autobiográficos". Associada fundadora do OLHE (Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento). Coordenadora e executora dos projetos da Oficina Memória Viva. www.oficinamemoriaviva.com.br Correo-e: rita@oficinamemoriaviva.com.br

Vera Tordino Brandão es Pedagoga (USP). Mestre e Doutora em Ciências Sociais - Antropologia pela PUC/SP. Pesquisadora do Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento (NEPE) do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUC/SP. Docente do Cogeeae - PUC/SP. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares (GEP) do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação/Currículo (PUC/SP). Idealizadora e docente da Oficina: Memória Autobiográfica – Teoria e Prática. Pesquisadora mentora do Portal do Envelhecimento. Editora da Revista Portal de Divulgação. www.portaldoenvelhecimento.org.br Membro da Equipe fundadora do OLHE – Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento. <http://www.olhe.org.br> Correo-e: veratordino@brandaov.com

RESUMEN

Propõe uma reflexão sobre narrativas autobiográficas objetivando ressignificá-las desvelando as vozes ocultas dos narradores: homens, em situação de rua, abrigados na Casa de Simeão. Pela história pessoal narrada, evidenciam-se dois aspectos: autobiográfico – quando, pela palavra, se reflete, organiza e narra para si e para o grupo a própria história; e o heterobiográfico – quando interagem e trocam as narrativas no grupo. Nossa prática aponta que o processo oferecido pelas oficinas narrativas favorece o reconhecimento da trajetória de vida, destacando, valorizando e possibilitando a integração das experiências e aprendizagem – de si e do outro. O projeto tem por objetivos criar um espaço de inclusão social e valorização do ser humano em processo de envelhecimento; dar significado às experiências pessoais através da reflexão sobre a trajetória de vida revendo suas relações com a comunidade e consigo mesmo pela memória autobiográfica; e construir um caderno de memórias que dê visibilidade e voz a estes produtores e produtos culturais. Realizou-se a *Oficina Memória Viva* em uma instituição abrigo que acolhe homens em situação de rua, que habitaram logradouros públicos. O resultado obtido com a elaboração dos cadernos, entregues aos narradores e a instituição, revela a força desse projeto. Percebeu-se o potencial destas narrativas de si, protagonizando o idoso em situação de rua sob uma ótica transformadora. Buscou-se refazer os laços significativos encontrados nas histórias vividas por velhos – calados e excluídos – por meio do relato oral em grupo e, posteriormente, na escrita, documentação e divulgação dos fatos narrados.

Palavras-chave: envelhecimento masculino, situação de rua, escrita autobiográfica

Em abril de 2013, em São Paulo, numa parceria entre a Associação Reciclázaro e o Olhe-Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento realizou-se um curso de formação de cuidadores de idosos no bairro do Belém. Uma das características desse curso é a função o docente presencial, que acompanha todas as aulas, fazendo a mediação entre os alunos e professores convidados que são diferentes a cada aula. Faz parte do curso teórico, uma vivência prática em ILPIs (Instituições de Longa Permanência para Idosos). A Casa de Simeão estava incluída entre as instituições a serem visitadas pelos alunos. Diferente das ILPIs, este espaço, denominado Centro de Acolhida Especial para Idosos: Casa de Simeão é um abrigo conveniado com a SMADS – Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social – e casa de cento e oitenta homens com mais de sessenta anos.

“A casa atua na prevenção com um programa socioeducativo ligado à acolhida e à promoção do protagonismo do idoso e na incidência das emergências, com um programa de proteção social básica e específica. A proposta da Casa de Simeão é resgatar o vínculo social e familiar, propor alternativas de tratamento comunitário à dependência do álcool e outras drogas e promover o exercício da cidadania e a retomada da autonomia plena.” (POSCAI, A.G, RODRIGUES, J. M, 2013, p. 307,308).

Na visita realizada em 2013 com os alunos do curso acima citado obtivemos algumas informações sobre os moradores que vivem em regime semiaberto, devendo se apresentar até determinado horário à noite. Caso se ausentem por 3 dias perdem a vaga.

O fato da Casa só receber moradores do sexo masculino em situação de ruae funcionar em regime semiaberto já marca um diferencial em relação a outras instituições para idosos. Isso nos chamou atenção e instigou a desvendar esse universo desconhecido e pouco estudado, através de nossa prática em oficinas de memória.

Caracterização da Instituição

A instituição se localiza no Bairro do Brás, em São Paulo, próximo à rua do Gasômetro, Zona Cerealista, em prédio que foi um hotel. Os moradores recebem 4 refeições por dia e coabitam em quartos de dois beliches que comportam até quatro moradores, como descrito por POSCAI e RODRIGUES (2013):

A Casa de Simeão funciona 24 horas e atende, diariamente, a 180 homens e pessoas com deficiência acima de 60 anos de idade, provenientes de situações de vulnerabilidade social. A casa opera como moradia provisória, com arquitetura desenhada para receber pessoas com necessidades especiais (o prédio possui rampas e corrimões nas áreas de uso comum e nos apartamentos, de modo a garantir acessibilidade plena). As instalações consistem em: apartamentos com camas e armários individuais; refeitório e cozinha industrial; sala para oficinas e cursos; padaria-escola; sala de alfabetização de adultos; sala de informática (inclusão digital); espaço de convivência (sala de TV); espaço recreativo (jogos e entretenimento); sala de administração.

Além disso, o projeto inclui um centro de serviços disponibilizando: – atendimento social e psicológico; – atividades socioeducativas; – alimentação; – banho e higiene pessoal; – guarda de pertences e documentos; – banco de dados de pessoas adultas em situação de rua (SISRUA) – espaço e equipamento para lavagem e secagem de roupas. (POSCAI, A.G, RODRIGUES, J. M, 2013, p. 309).

A casa conta com estrutura de recursos humanos assim distribuída: coordenador; auxiliar de coordenação; assistentes sociais; psicólogo; dez orientadores socioeducativos, todos do sexo masculino que “exercem o controle sobre o fluxo dos conviventes na casa e orientam com vistas à higiene pessoal e auxiliam na preparação e execução de palestras junto com a equipe técnica”; cozinheiro; doze agentes operacionais que dividem-se em serviços de cozinha e de limpeza.

Breve caracterização do idoso em situação de rua e/ou acolhido na cidade de São Paulo

A pesquisa do censo da população em situação de rua na municipalidade de São Paulo recenseou no ano de 2011 um total de 14.478 (quatorze mil quatrocentos e setenta e oito) indivíduos, sendo 6.765 (seis mil setecentos e sessenta e cinco) em situação de rua e 7.713 (sete mil setecentos e treze) em centros de acolhida da capital.

Desse total, 82% são do sexo masculino e para “separar os indivíduos em faixas de idade, foram adotados quatro grupos etários: idoso, adulto, adolescente e criança. O grupo com maior número de casos foi o adulto, com 7.002 indivíduos, seguido pelo idoso (1.455), adolescente (221) e criança (212)”. (SMADS, 2011)

Os dados da SMADS revelam que do total de idosos em situação de rua, 12% estão acolhidos. Foi nesse universo que encontramos os participantes da Oficina de Memória na Casa de Simeão: homens idosos em situação de rua, acolhidos.

Entendemos por situação de rua o indivíduo que, por não possuir uma moradia fixa, acaba por habitar transitoriamente diversos logradouros públicos, albergues ou pensões. Segundo MATTOS e FERREIRA (2005), essa expressão é utilizada para enfatizar o aspecto processual da passagem pela rua como um momento da biografia individual e não como um estado permanente. ROSA e BRÊTAS (2011) descrevem que:

“A pessoa em situação de rua – *“moradora de rua”* ou *“acolhida”* – é aquela que para e habita tempos e espaços desvalidos no epicentro do turbilhão urbano e, por obrigação ou opção, se contrapõe à lógica da cidade capitalística, ávida pela velocidade e atemorizada pela violência. Subvertem o espaço público revertendo às suas maneiras a lógica dos *“não lugares”*. É neste contexto que se relacionam, amam, sofrem, sonham – *(sobre)vivem*. Fazem parte mesmo que indesejadamente da paisagem urbana. Por vezes invisíveis aos olhos dos que simplesmente passam- outrora ameaçadores à ordem pública”.¹ (ROSA, BRÊTAS, 2011, pág. 190)

Oficina Memória Viva

A Oficina Memória Viva é uma iniciativa construída a partir das necessidades que o novo cenário sócio demográfico impõe. Como todos os países da América Latina, o Brasil é um país que está envelhecendo rapidamente e esse fato é cada vez mais notado nas nossas relações, na mídia e na

¹Os autores entendem como espaço público não apenas os logradouros públicos, mas também mas também os terrenos baldios, áreas externas de imóveis privados, albergues ou abrigos.

sociedade em geral, portanto iniciativas e empreendimentos que atuem com o envelhecimento em diferentes espaços podem trazer dados para projetos futuros bastante interessantes.

A Oficina Memória Viva iniciou suas atividades em 2003 a partir do curso de formação *Oficina Memória Autobiográfica: teoria e prática* ministrado pela prof^a Vera Brandão na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil. Esse curso forneceu subsídios teórico-práticos para a execução das oficinas com idosos em diferentes espaços, dando sequência ao projeto Memória e Cultura, por ela iniciado em 1994.

Entre 2003 e 2004 a oficina aconteceu no Pateo do Collegio, que marca com exatidão o local de fundação da cidade de São Paulo, hoje a mais populosa do Brasil. Foi implantado para atender aos objetivos de realização de atividades culturais do Centro Loyola de Fé e Cultura e a integração da comunidade idosa com e nesse espaço, que também abriga o Museu de Arte Sacra dos Jesuítas, patrimônios históricos da cidade. O desdobramento desse projeto aconteceu na cidade do Embu das Artes, situada a 30 quilômetros da capital, e se desenvolveu a partir do Largo dos Jesuítas, onde também se localiza o Museu de Arte Sacra.

No ano de 2005 o projeto foi implantado em um centro de convivência para idosos na cidade de Barueri, situada a 40 quilômetros da capital. O centro de convivências chamado Grupo Vida – Barueri é uma entidade civil sem fins lucrativos, que prestava serviços aos residentes neste município, com idade igual ou maior que 60 anos. O Grupo Vida iniciou suas atividades em outubro de 1975 com 56 idosos, no centro de Barueri e em 2006, contava com 1.836 associados, em suas três unidades. A Oficina Memória Viva foi implantada nas unidades da Sede e do Jardim Mutinga, que se situa na região periférica da cidade.

A partir de 2006 foram realizadas intervenções em instituições asilares. Partiu-se da premissa que o trabalho com a memória autobiográfica abriria a possibilidade de criar, dentro de uma Instituição de Longa Permanência (ILPI), um espaço de inclusão e revalorização das histórias de vida dos idosos. Em 2009 foi realizada uma intervenção no ambiente corporativo em uma empresa de engenharia consultiva que comemorou 30 anos de existência.

Em 2010 foram realizadas oficinas no Serviço Social do Comércio de São Paulo (SESC) Pompéia no projeto “FACES, Trajetos e Lares” que tinha como objetivo retratar os frequentadores idosos que contemplassem em suas histórias de vida, os vínculos com o bairro e com a história da Fábrica Pompéia no mesmo endereço desde 1938. Foram realizadas as oficinas autobiográficas com a temática focada a partir das imagens dos próprios frequentadores no espaço Sesc Pompéia. Nesse mesmo ano realizou-se uma oficina autobiográfica na Sociedade Beneficente Rosalia de Castro que atende idosos espanhóis.

Desde 2003 foram realizadas intervenções pontuais em outros espaços diferenciados como os

Encontros de Idosos em Penedo e Conservatória no estado do Rio de Janeiro promovido e organizado pelo site denominado Mais de 50. Este modelo diferenciado de intervenção pontual, não processual como o da Oficina, foi denominado *Encontros Autobiográficos*.

É importante ressaltar que a denominação Oficina Memória Viva foi construída ao longo de onze anos de trabalho em parceria de Cabral, psicóloga e Amaral, pedagoga.

O objetivo da Oficina Memória Viva é criar um espaço de inclusão e valorização através da escuta, reflexão e troca de experiências entre os participantes. Construir novos significados para a trajetória de vida, ampliar os laços sociais e a autoestima, além de ressaltar a importância da memória como vetor de integração entre os participantes e entre as instituições em que estão inseridos, seja ela uma empresa, uma ILPI ou um Centro de Convivências. Isso se dá a partir do momento que vivenciando a oficina possibilita-se a reflexão sobre a trajetória de vida, reconstruída com a perspectiva da identidade atual, ressignificando-a e inserindo-a na história coletiva no tempo e espaço das culturas de origem e destino, resgatando a memória social das cidades, dos locais em que estão inseridos pelo olhar único de cada indivíduo.

"Nunca estamos sós", diz HALBWACHS (1990), reforçando sua tese de que toda lembrança, mesmo tida pelo indivíduo como única, prende-se de alguma maneira ao contexto social mais amplo. Lembrar é reconstruir o passado a partir dos quadros sociais do presente; é uma lembrança consciente. Ela também se apoia no tempo socialmente referido - a memória está no grupo - e o trabalho de reconstrução do passado só pode ser realizado nesse contexto. (BRANDÃO, 2002:183).

Esta afirmação aponta a importância do grupo, fator relevante para os participantes da oficina, pela oportunidade do encontro e o (re) descobrimento de si e do outro, e por sua força latente, que vai se desenvolvendo a partir dos encontros, estabelecendo um forte laço afetivo entre eles.

Como ideia principal e guia nos propõe-se a resgatar a história da cidade, da empresa ou a própria história afetiva, não as histórias oficiais ou as anamneses, nem mesmo as histórias jornalísticas, reais, mas a história vivida, experimentada, criada através das palavras de seus habitantes/participantes. Parte-se da ideia que é possível transformar cada indivíduo em narrador-participante, memória viva. Esse trabalho de rememoração, além de prazeroso, pode aproximar as pessoas. Afirma BRANDÃO (2005):

Ao compartilhar lembranças, os tempos individuais se cruzam, formando um outro tempo coletivo, tempo presente no grupo. Este compartilhar dá lugar a uma nova solidariedade que propicia a cada um, e ao grupo como um todo, a segurança necessária para os relatos em um espaço de valorização e compreensão. Assim, a indiferença, marca das grandes cidades, desaparece dando lugar a uma nova trama de relações... Assim os grupos, formados

aleatoriamente, tecem uma nova trama de (re) significados. (BRANDÃO, 2005, p.161).

Finalmente, mas não menos importante, a Oficina Memória Viva se propõe a promover o envelhecimento ativo, com futuro e a inclusão social, através do compromisso de participação e a descoberta, por meio das reflexões, de novos projetos de vida. Como, por exemplo, alguns idosos analfabetos que se interessaram pelo processo de alfabetização para adultos no Centro de Convivência. Isso evidencia que mesmo para aqueles que nunca tiveram a oportunidade de acesso ao letramento, o registro da narrativa pela palavra escrita, levou a descoberta de um mundo novo, repleto de desafios. Os estudos gerontológicos confirmam que as atividades e projetos que motivem o idoso à participação têm um caráter preventivo, focando a manutenção da autonomia, pois, "envelhecer é um direito do cidadão, e envelhecer dignamente, um dever da sociedade." (PAZ, 2004:241)

A experiência nos mostra que, a partir da memória nas histórias narradas, e muitas vezes escritas, podemos, usando a linguagem, refletir, compreender, reorganizar e ressignificar essas trajetórias e projetos de vida-trabalho, nossas e de outros, articulando as memórias individuais e coletiva, dando-lhes um sentido-significado. Essa história, que é nossa e dos grupos aos quais pertencemos, diz-nos quem somos, auxilia e fortalece nossa identidade, ilumina nosso caminho na busca de sentidos para o nosso ser-estar no mundo. (BRANDÃO, 2008,p.15)

Para tanto, utilizamos a memória como método de resgate da história afetiva vivida, através da técnica Oficina de Memória (Auto) biográfica. As Oficinas nos espaços como o Pateo do Collegio, o Centro de Convivência, o Sesc, a Sociedade Beneficente Rosalia de Castro e a Casa de Simeão foram realizadas em encontros semanais (8 a 10 encontros) de duas horas de duração com o mesmo grupo e até 15 participantes. Nas Instituições de Longa Permanência o tempo de duração e o número de participantes foi menor, em encontros semanais com grupos de até oito pessoas com uma hora e meia de duração. Pela nossa experiência de oito a quinze participantes é o tamanho de grupo ideal para que todos tenham a oportunidade de se manifestarem no tempo previsto.

Oficina Memória Viva na Casa do Simeão

A *Oficina Memória Viva* promoveu voluntariamente *As Conversas na Casa de Simeão: memória viva dos residentes* com a ação de duas profissionais em busca das experiências de vida e da possibilidade de contar um pouco da história de alguns residentes em espaços de conversa. A vocação da instituição já é um desafio. Quem são? O que buscam? Como dar sentido as experiências desses *senhores*²?

² Termo utilizado pelos profissionais da Casa ao se referirem aos usuários.

Durante seis semanas um grupo de 8 a 10 pessoas parou para conversar, para trocar experiências e resgatar as histórias vividas por cada um, as memórias. A seleção de usuários em potencial para participar do projeto foi realizada pela psicóloga da instituição, que indicou os possíveis interessados para formar o grupo. Tivemos que ser flexíveis quanto à frequência dos participantes por diferentes motivos: alguns arranjaram trabalho temporário, outros estavam alcoolizados na hora da reunião. Vale ressaltar que o projeto foi realizado em julho de 2013 em meio às manifestações de rua³ que invadiram a cidade, e trouxeram alguns inconvenientes pela própria localização da instituição. Inicialmente tínhamos como proposta 8 encontros, conseguimos realizar 7 encontros de duas horas, sendo que em uma das seis semanas em que durou o projeto, fizemos 2 encontros.

O local reservado era no último andar do prédio de quatro andares, uma sala fechada e organizada previamente. A sala comportava bem a todos, era composta por uma mesa e cadeiras adequadas, ventilada e iluminada. Além da porta de entrada, havia duas portas que davam acesso a um depósito e a uma sala conhecida por “guarda de pertences”, que nos despertou interesse e curiosidade, porém era muito bem trancado e seguro. Soubemos pelos participantes que cada usuário podia utilizar um pequeno armário individual de aço (tipo guarda-volumes) com chave, localizado próximo ao apartamento. O restante dos pertences era armazenado no guarda-pertences. Observamos que os volumes eram numerados e o acesso à sala só poderia ser feito em companhia do orientador socioeducativo. Nesse andar também situava-se o terraço e a lavanderia.

A medida que a oficina acontecia, fomos desvendando algumas regras da Casa, como a de que era proibido alocar roupas sobre as camas, somente no armário individual ou no guarda pertences. No terraço era permitido fumar, nos quartos proibido e toda a transgressão de regra está sujeita a uma advertência, que se repetida levava o usuário ao risco de perder a vaga na instituição. Percebemos que essas medidas disciplinares são fundamentais para manter a convivência de pessoas acostumadas à total liberdade da rua. Os limites são balizadores das relações humanas, e em instituições como a Casa de Simeão, os idosos podem reaprender os princípios da convivência em grupo.

Em um ambiente predominantemente masculino, as mediadoras foram respeitadas e bem recebidas. Como a atividade acontecia no início da tarde, o almoço foi oferecido às profissionais, o mesmo cardápio servido aos residentes. E no meio da tarde, quase no final do encontro era servido um café para todos, mediadoras e participantes.

No primeiro encontro fizemos um contrato que denominamos “Metas e Acordos” com o objetivo de apresentar o projeto, levantar as expectativas, e deixar claras as regras para o funcionamento das

³Os protestos no Brasil em 2013, também conhecidos como Jornadas de Junho, foram várias manifestações populares por todo o país que inicialmente surgiram para contestar os aumentos nas tarifas de transporte público, principalmente nas capitais do país, e ganharam grande apoio popular após a forte repressão policial contra as passeatas, levando grande parte da população a apoiar as mobilizações .

oficinas, o que muitas vezes foi uma dificuldade, e a flexibilidade de postura foi exigida em vários momentos, mesmo assim, conseguimos formar um grupo. Nessa imagem faltaram 3 participantes, pois, como já antecipamos, foi complicado um encontro com os 10 participantes no mesmo dia e hora.



Observações sobre o grupo

A nossa intervenção não contemplava a aplicação de inventários ou questionários sistematizados, nem era esse o nosso objetivo inicial, mas à medida que fomos conhecendo as pessoas e formando o grupo, pela nossa experiência e sensibilidade podemos fazer algumas observações do grupo que cabem nessa discussão:

Os participantes tinham baixa escolaridade, somente um deles tinha ensino médio. Dos locais de origem, três eram nascidos na cidade de São Paulo, seis migraram de outros estados e um era uruguaio.

O trabalho/profissão para esse grupo é uma temática que vai de encontro à definição de ESCOREL (1999), segundo MATTOS e FERREIRA (2005), que seria o nomadismo ocupacional que atinge esses indivíduos e “apresenta-se sob uma elevada taxa de rotatividade (tempo de permanência no emprego anterior inferior a um ano) e configura a situação de trabalho irregular, descontínuo, parcial, intermitente, ocasional, eventual, sazonal, temporário ou de duração determinada.” (MATTOS e FERREIRA, 2005, p. 27).

“Eu trabalhava em loja de calçados na zona norte...a loja foi vendida, fiquei desempregado, resolvi trabalhar por conta...eu ia de ônibus, punha numa sacola e ia repetindo os bairros, fazia freguesia...” (C.)

“Já tive mais de mil profissões conheço as 853 cidades de Minas e seus rios existentes.” “Fui vaqueiro, recenseador, hidrometrista, comerciante, profissional liberal” (B.)

“Fui balconista, trabalhei em livraria, gráfica e fui vendedor de livros na Praça Don José Gaspar, fui até Praça da República e vi que estava começando o movimento hippie, me interessei pelo movimento e fui para várias cidades do Brasil” (como artesão)(N.)

Todos os participantes tinham alguma questão em relação à saúde. São Paulo é onde se encontra, com toda a sua complexidade, o melhor e maior serviço público de saúde do Brasil, portanto uma tônica que escutamos era: *“hoje meu projeto é de eu melhorar a minha situação de saúde, mal de Parkinson e depois correr atrás do prejuízo, hoje me sinto um aleijado sem muleta.”* (M.). Mesmo com essa fala, ele está amparado na Casa de Simeão, pois conta com o Serviço Social e o cuidado dos orientadores sócio educativos.

Os *senhores* não podem entrar alcoolizados na Casa de Simeão, mas muitos chegam nesse estado, lutam contra o vício. No entanto, a poucos metros da instituição, a bebida é vendida pelo valor de R\$ 1,00 (um real) a dose de cachaça. O entorno da Casa é formado por pequenas pensões, cortiços, e em algumas janelas dessas casas, funcionam “bares” ilegais, tornando maior o desafio do trabalho em concorrer com o vício do alcoolismo muito comum na população em situação de rua.

Segundo ROSA e BRÊTAS (2011), citando o estudo de SCHOR e VIEIRA (2010) sobre o perfil socioeconômico das populações de moradores de rua da área central de São Paulo, o consumo de álcool e/ou outras drogas é comum entre essas pessoas – 74,4% afirmaram fazer uso de um ou de ambos –, sendo que muitos já faziam uso antes de chegar à situação de rua, fato que pode ter sido uma das causas que desencadeou desestruturação familiar, perda de emprego e moradia. (ROSA e BRÊTAS, 2011, p.193). Esse dado foi observado ao depararmos com alguns participantes alcoolizados, ou mesmo exalando odor de álcool, mas o assunto aparece discretamente em algumas falas “quando comecei a beber” e não aparece nos relatos escritos. Sabemos da dificuldade em lidar com esses idosos reféns dos vícios e alertamos a necessidade de acompanhamento pela assistência médica e social.

Nos chamou atenção que mesmo os idosos que o reencontro desses idosos com suas famílias após um período de afastamento, não significa um retorno a estrutura familiar. As famílias são visitadas pelos idosos, mas tudo indica que o retorno definitivo não é possível, as famílias não os acolhem mais.

Em contrapartida, percebemos que, nesse grupo, os idosos estão minimamente amparados em relação a moradia, alimentação, saúde e orientados em relação a documentação e aposentadoria. A Casa os acolhe e muitos comentaram que estavam buscando trabalho ou orientações sobre a aposentadoria com a esperança de melhoria de vida *“eu quero voltar a trabalhar por conta, agora não posso executar isso, quando eu me aposentar, vou ter um dinheiro para começar a trabalhar”* (C.) ou *“Vim para São Paulo para trabalhar mais, até agora não achei (emprego), comecei a averiguar lugar para ficar e cheguei aqui, fui muito bem recebido.”* (J.)

A experiência

Os trabalhos que propõe uma reflexão sobre as trajetórias de vida ou narrativas autobiográficas são utilizadas com objetivo de ressignificá-las e retomá-las, “em mãos”, desvelando as “vozes ocultas” dos narradores de primeira mão, que falam do interior da cultura.

Trabalhamos a partir do relato oral, e percebemos que ao longo do tempo ao recompor a história pessoal a ser narrada, evidenciam-se dois aspectos importantes: o autobiográfico – quando, pela palavra, se reflete, organiza e narra para si mesmo e depois para o grupo a própria história; e o heterobiográfico – quando interagimos e trocamos as narrativas no processo de compartilhamento grupal. (MOMBERGER,2006).

“Era época da revolução, da ditadura, essa música (Para não dizer que não falei das Flores – Geraldo Vandré) era um hino de rebeldia contra a ditadura...como eu era garoto na época fui requisitado para jogar bolinhas de gude na rua para os cavalos do exército escorregarem, eles jogavam um líquido vermelho na gente que estava na passeata, para dispersar. Esse líquido só saia com coca-cola” (N.) Segundo BRANDÃO (2008) este processo leva à compreensão do outro e de cada um por meio do outro, já que a expressão autobiográfica surge em tempos e espaços específicos, intermediada pelo grupo de ouvintes – palavras e histórias socializadas construtoras de identidades múltiplas.

O que enfatiza MOMBERGER (2006) ao dizer que o passado recomposto se “faz” no momento da narrativa e, segundo a autora

“O poder do relato biográfico e o espaço de formação que ele abre (...) advêm da forma histórica e socialmente construída que o relato permite dar às experiências individuais (...) das linguagens partilhadas nas quais ele faz ouvir histórias singulares, da ligação que ele permite manifestar (...) e restaurar (e harmonizar) os componentes sócio-históricos da vida individual”.(MOMBERGER, 2006, p. 369-70).

Nossa prática aponta que o processo oferecido pelas Oficinas Narrativas favorece o re-conhecimento da trajetória, destacando, valorizando e possibilitando a integração das experiências no processo de conhecimento e aprendizagem – de si e do outro.

Afirma ainda BRANDÃO (2008) que o reconhecimento da importância e valor tanto dos saberes formais, exteriores e institucionalizados, como dos saberes internos, subjetivos, não formais, se constituem na força dessa abordagem, que afirma os indivíduos como atores responsáveis e “donos” da própria história. Por meio do processo de descoberta e re-invenção de si, ao reescrever sua história, podem encontrar os sentidos e os significados dos projetos passados e futuros, em uma perspectiva existencial.

Evidente que toda a comunicação, não só a escrita, é relevante no processo de re-apropriação de seus saberes e competências, mas gostaríamos de abordar, especificamente, a narrativa oral e a posterior escrita das experiências vividas, como instrumento de empoderamento e fortalecimento social no grupo ao qual pertence. O legado das experiências vividas foi e continua sendo fundamental na preservação da cultura dos grupos e na preservação dos tempos e lugares e seus saberes-fazer.

Destacamos a dinâmica entre os mediadores das Oficinas e os participantes que não conseguem escrever – seja porque não foram alfabetizados, ou idosos que, mesmo alfabetizados, “perderam a prática” com a expressão escrita. Abordamos também a experiência com aqueles que abandonaram a escrita, assim, não a usam mais no seu cotidiano. Prática, entre outras tantas, que vai sendo deixada de lado, marginalizando ainda mais essas pessoas com grau de envelhecimento e cuidados comprometidos.

Entra neste ponto a figura do escriba, que faz das suas as mãos que escrevem, na primeira pessoa, as histórias narradas. Segundo HOUAIS (2001), escriba ou escrivão era aquele que na Antiguidade dominava a escrita e a usava para, a mando do regente, redigir as normas do povo daquela região ou de uma determinada religião. Também podia exercer as funções de contador, secretário, copista, arquivista.

Assim, o escriba, neste projeto, possibilita a recolha de relatos na primeira pessoa, destes indivíduos com a ajuda dos mediadores-escribas, que buscam viabilizar a participação de idosos não letrados. Como alternativa, nos colocamos a disposição das pessoas que tem maiores dificuldades em buscar este auxílio - tornamo-nos escribas.

Nestes casos, ficávamos um pouco mais com o participante, ou antecipamos nossa chegada no dia da reunião. Todas estas possibilidades têm se mostrado exitosas, e os cadernos de memória são construídos ao longo do processo.

Tivemos a colaboração da psicóloga na função de escriba. Elaboramos um roteiro e tivemos uma reunião para habilitá-la na tarefa de escrever os relatos orais que os idosos ditariam para ela. Após o relato de cada narrador o mediador-escriba realizava a leitura do texto, escrito em primeira pessoa no qual o narrador poderia acrescentar ou excluir algo. Quando eles consideravam o texto pronto solicitávamos que assinassem para dar legitimidade ao relato.

As avaliações pelos participantes

Como já relatado anteriormente, as oficinas acontecerem em sete encontros e em cada uma delas uma temática diferente foi abordada. Essa técnica contempla um estímulo inicial, geralmente a leitura

de um texto, seguido da narrativa de cada participante e a escrita posterior que compõe o caderno de memórias do grupo. O resultado concreto do trabalho é o próprio caderno contemplando a história do grupo. Ele é construído e distribuído para cada participante, um exemplar é das mediadoras e outro é oferecido à instituição em um ato formal. No caso da Casa do Simeão, foi dado ao gerente da Casa antes da refeição com a presença de todos os usuários daquele dia.

Ao final, antes dessa entrega a instituição, é feita uma avaliação que reproduziremos na palavra dos narradores-participantes o que mostra a força e possibilidades de um trabalho que resgata e dá voz a sujeitos tão excluídos como homens, idosos em situação de rua.

“Foi de grande valia. Oportunidade de contar as histórias, para tudo tem que ter o interesse de alguém...Achei mais importante contar a minha história e conhecer a dos outros, conhecer um pouco de cada um. Prometo que vou guardar para sempre, com carinho, fruto da minha participação aqui, tem um valor sentimental.” (C.)

Mesmo em um momento de vida tão delicado, morando em uma casa de acolhimento, esse senhor resgata uma experiência afetiva que poderá deixar sua marca na passagem pela Casa.

“Quando eu soube, o que é Memória Viva? A 1ª vez vim meio borocoxô. Comecei a pegar o gosto e gostei cada vez mais. Aprendi muita coisa, ficava contente. O meu nome, por exemplo, nunca tinha pensado nisso...” (O.)

Nesse relato fica claro que a oportunidade de reflexão sobre a própria identidade, o nome, quem sou, pode trazer conforto e romper com rótulos identitários impostos e tão sofridos para essa população. Para MATTOS e FERREIRA (2005, p.29,30) ao se identificar com papéis sociais considerados negativos: albergado, aposentado, doente, velho, pobre, sem família o sujeito fica preso a um rótulo estático, a identidade se confunde nesse espaço imutável. E ainda, segundo os autores, o passado, presente e futuro do idoso em situação de rua estão associados com adversidades e constrangimentos. E cabe aqui ressaltar a força de um projeto que contempla a memória autobiográfica, diz-nos professor IZQUIERDO (1999, p.9), “Somos quem somos porque nos lembramos” é portanto a memória que marca a nossa identidade.

Ou ainda outro participante que diz:

“Resgatar o passado do que eu vivi e convivi, nem sempre temos tempo, é um diário, parte da minha história. Achei isso muito positivo, mas a minha história é longa...” (N.)

Talvez inferindo o desejo de continuar o relato, de ter esse espaço de trocas na rotina.

“Teve dias difíceis, fiquei bravo com algumas coisas aqui (na instituição). Não sabia o que era isso não, comecei a me entrosar, um projeto legal para se frequentar, legal e muito importante, pois não é só a minha história é a dos outros, escutar também ajuda” (A.).

“Nunca se esquece um ente querido que morre, marca para a vida toda. Essa lembrança do passado. O que se poderia viver hoje, seria bom se voltasse como era antes. Achei isso muito bacana, vou

levar esses colegas para sempre. A lembrança que eu dormia na rua, com rato passando encima de mim, rato a morder o meu pé, a polícia que descia o cacete e dizia que ali não era lugar para dormir, me chamavam “vagabundo”, são histórias da rua. Isso estamos vivendo o passado e o futuro, já fui cheirador, hoje estou lutando pela vida. VIDA.” (M.)

Esse relato, denso, no limite da dignidade humana, nos faz refletir no significado de compartilhar, de falar de um passado mudo ou que urge na necessidade de tentar esquece-lo. E mesmo assim, ao ser expresso e elaborado e traz uma esperança, uma luz, M. fala da vida. Pede e busca a vida, ele que está em busca de tratamento de saúde, e somente no último dia contou de seu envolvimento com drogas no passado. Acreditamos que a fala pode libertar e ressignificar essa fase tão difícil da vida de muitos em situação de rua.

“Estou muito contente de relatar a minha história, me infundiram, divulgaram a minha história”(J.). Pensamos que esse *infundiram* significou difundiram, isso é a história não ficará parada e guardada na memória, ela ganha asas ao ser escrita e compartilhada.

“Não sei o que falar. Para mim foi emocionante. Eu ouvi relatos de dignidade, coragem, veracidade, sentimentos profundos, alegria. Porém eu não teria voltado...mas pelos relatos...eles me trouxeram de volta” (N.).

“Gostei muito por dois motivos: saiu totalmente da rotina da casa, totalmente diferente, não é o tipo de palestras que estamos habituados, palestra sobre envelhecimento, cachaça, aids. Acho que ficamos meio bitolados. Saiu da rotina, falamos das memórias, nossas memórias, gostosas, bonitas, tristes que faz parte do dia a dia, da vida, gostei muito.” (A.)

“Falar pouco e grande escuta. Quero agradecer vocês pela ideia que tiveram, que isso sirva de exemplo para muitas pessoas. Bom começo para a futura felicidade. Temos que aproveitar o máximo a vida até a morte. Me deixou um cutucão, esse livro de memória, Oficina Memória Viva, livro de memória....sou escritor” (B.)

Achamos que esses participantes mostram a força do grupo, a troca de histórias, e a identificação humana com o outro e o mais importante a protagonização desses sujeitos tão excluídos. Demos a palavra e a voz a eles. Pensávamos em encontrar seres solitários, sem perspectivas, mas não foi bem isso que nos mostraram.

Fechamos essa discussão com o prefácio do caderno de memórias da Casa de Simeão, escrito por nós.

“Experimentamos momentos de riso,emoção, desabafos, um grande desafio. Mais do que tudo o inédito privilégio de trabalhar em um grupo com participantes exclusivamente do sexo masculino, muito raro em ações na área da gerontologia. Tivemos a grata surpresa de escutar relatos profundos, emocionados, por vezes românticos e desafiadores que mostram as superações e coragem desse grupo.

Esse *caderno de memórias* é fruto de trabalho, compreensão, aceitação, participação e também dificuldades e desafios. É um resultado concreto e possível. Nasceu de recortes que surgiram durante o processo. Não temos pretensões literárias e, assim, mantivemos no original o modo pelo qual cada participante se mostrou. O resultado não contempla todo o processo vivido, e nem mostra a intensidade das emoções compartilhadas pelo grupo, mas é palpável e nos alimenta para projetos futuros. Guardemos nossos cadernos como um tesouro e as lembranças como joias...

Trabalhamos com a memória viva e, tivemos a coragem de deixar esse relato escrito, documentado que só se torna realidade com a escrita das histórias trabalhadas depois de cada encontro. Em um Centro de Acolhida onde a ação ocorre no mesmo local de vida das pessoas, essa escrita posterior se torna um desafio. Assim também nos tornamos escribas na busca individual das histórias. Sabemos que a Oficina não acontece somente nos encontros presenciais, ela é um processo que se estende por toda a semana, e os encontros individuais para esses registros ampliam a força do trabalho.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, Vera M.A.T. Oficina de Memória - Teoria e Prática: relato sobre a construção de um projeto. *Revista Kairós Gerontologia*, 5(2):181-195, São Paulo, EDUC, 2002.
- BRANDÃO, Vera M.A.T. Memória autobiográfica – reflexões. In: CORTÊ, B., MERCADANTE, E., ARCURI, A. (orgs) – *Velhice, envelhecimento, complex(idade)*. São Paulo: Vetor, 2005, pp 155-182.
- BRANDÃO, Vera.M.A.T. *Labirintos da Memória. Quem sou?* São Paulo, Paulus, 2008.
- SCOREL, S. *Vidas ao léu: trajetórias de exclusão social*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.
- HALBWACHS, M. A memória coletiva. *Revista dos Tribunais*. São Paulo, Revista dos Tribunais/Vértice, 1990.
- HOUAISS, Antônio. - *Dicionário de Língua Portuguesa* – Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- IZQUIERDO, Ivan A. O apaixonante estudo da Memória. *Revista do Incor*, São Paulo, Incor (Instituto do Coração do HC-FMUSP), p.8-16, maio, 1999.
- MATTOS, R., FERREIRA, R., O idoso em situação de rua: Sísifo revisitado. *Estudos de Psicologia, Campinas*, 22(1),p. 23-32, jan/mar,2005.
- MOMBERGER-DELORY, Christine. Formação e Socialização: os ateliês biográficos de projeto. *Revista da Faculdade de Educação – USP*. São Paulo, v.32 /02, p.359-371, 2006.
- POSCAI, A.G, RODRIGUES, J. M, A luta pelos direitos da pessoa idosa: da aplicação do estatuto à realidade nas ruas. In ROSA, T., BARROSO, A., LOUVISON, M. (orgs.) *Velhices: experiências e desafios nas políticas do envelhecimento ativo*, São Paulo, Instituto da Saúde - Temas em Saúde Coletiva, 14, p, 305-319, 2013.
- SCHOR, S.M; VIEIRA, M.A.C. *Principais resultados do perfil socioeconômico da população de moradores de rua da área central da cidade de São Paulo*. São Paulo. Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, 2010.

SMADS-Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social. *Censo da População em Situação de Rua na Municipalidade de São Paulo*, 2011. Disponível em http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/chamadas/censo_1338734359.pdf. Acesso em 3 de abril de 2014

ROSA, A., BRÉTAS, A. Envelhecimento em situação de rua: a história de Maria Rosa. In TRENCH, B., COSTA ROSA, T (orgs) *Nós e o Outro: envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa*, São Paulo, Instituto da Saúde - Temas em Saúde Coletiva, 13, pgs. 183-198, 2011.